

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Gláucia Enes Teixeira

O CINEMA COMO ENCONTRO CRIATIVO

**As mudanças nas relações interpessoais dos estudantes a partir da criação de
um Cineclube na escola**

Belo Horizonte

2015

Gláucia Enes Teixeira

O CINEMA COMO ENCONTRO CRIATIVO

As mudanças nas relações interpessoais dos estudantes a partir da criação de um Cineclube na escola

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte

2015

Gláucia Enes Teixeira

O CINEMA COMO ENCONTRO CRIATIVO

As mudanças nas relações interpessoais dos estudantes a partir da criação de um Cineclube na escola

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Clarisse Maria Castro de Alvarenga – Faculdade de Educação da UFMG

Célia Abicalil Belmiro – DMTE – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela oportunidade, a minha família pelo amor e dedicação e a minha orientadora Clarisse Alvarenga pela competência e delicadeza.

Dedico este trabalho a Carlos, Isadora, Felipe, Henrique, Lília e minha mãe.

Criar não é deformar ou inventar pessoas e coisas. É travar entre pessoas e coisas que existem e tais como existem, relações novas.

Robert Bresson

RESUMO

A escola é um espaço de convivência com regras pré-estabelecidas pelo sistema de ensino que atende uma sociedade em constante processo de transformação. Sendo assim, a escola é um cenário propício para que vários conflitos ocorram entre os estudantes, prejudicando o relacionamento entre eles. Este projeto de intervenção cria um cineclube na Escola Municipal Luiz Gatti, buscando estabelecer um diálogo entre os filmes e criações artísticas dos estudantes de uma turma do 1º ano do 3º ciclo para observar se o cinema pode intervir nas relações interpessoais destes estudantes.

Palavras-chave:

cinema, escola, relações interpessoais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. A ESCOLA E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	10
3. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	13
4. DESENVOLVIMENTO.....	14
5. CONCLUSÃO.....	25
FILMOGRAFIA.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	34

1- INTRODUÇÃO

As relações interpessoais têm se apresentado como um elemento desafiador não só pontualmente nas escolas, mas em nossa sociedade. Basta abrirmos um jornal, ligarmos a televisão ou acessarmos a internet e a enxurrada de conflitos advindos de relações mal resolvidas saltam aos nossos olhos.

A escola é um espaço social que envolve um grande número de estudantes, submetidos a regras previamente determinadas pelo sistema de ensino. Sendo assim é normal que conflitos aconteçam. Quando estes conflitos interferem negativamente nas relações entre estes jovens presenciamos cenas muitas vezes lamentáveis.

Durante minha experiência de onze anos em sala de aula como professora de Arte, na Rede Municipal de Ensino de BH, tenho acompanhado e vivenciado estes acontecimentos. De um lado temos estudantes insatisfeitos com aulas “monótonas”, “trancados”, dentro de uma sala de aula, buscando refúgio acessando seus celulares e *smartphones*. De outro lado percebemos a inabilidade de jovens e adultos em lidar com as relações interpessoais mediadas pelos valores por eles incorporados.

Falar destas dificuldades de relacionamento, falamos todo o tempo dentro das escolas, mas refletir sobre elas, investigar suas raízes e tentar equacioná-las é mais delicado e desafiador. Ao mesmo tempo que fugimos deste tema somos desafiados a encará-lo e a lidarmos com ele.

A arte com seu potencial transformador pode auxiliar nesta árdua tarefa, sem a pretensão de solucionar problemas, mas tentando suavizar tensões, abrindo espaço para reflexões e até mesmo vivências, através de atividades artísticas que promovam a livre expressão de sentimentos.

O cinema ainda é pouco explorado pela escola. Muitas vezes ele é aproveitado como forma de ilustração para determinado conteúdo que esteja sendo estudado. Acreditamos que esse “jovem estrangeiro” possa contribuir de forma mais efetiva e contundente para a construção de novas relações entre os estudantes e novas relações entre os estudantes e a própria educação.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos -, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções, e algo de curiosidade de quem aprende e ensina. (FRESQUET, 2013, p. 20)

Utilizamos então o cinema como ponto de partida para este trabalho, uma vez que dispomos dos recursos técnicos necessários para sua exibição e por entendermos o cinema como alteridade, onde as experiências vividas pelos personagens apresentados nos filmes podem nos afetar.

A hipótese do cinema como arte na escola consiste em entendê-lo como alteridade. Nada mais estrangeiro do que a arte no contexto escolar. Arte não obedece, não repete não aceita sem questionar. Arte reclama, desconstrói, resiste com certa irreverência. (FRESQUET, 2013, p. 40)

Levar bons filmes para dentro do ambiente escolar e explorar o potencial criativo dos alunos pode ser grande auxiliar na construção de uma relação mais saudável entre os jovens estudantes. Esse saudável não deve ser compreendido como “sem conflitos” ou “mais domesticado”. Saudável como fruto de debates, de amadurecimento, de embates de idéias e vivo no que diz respeito à busca de conhecimentos histórico, científico ou filosófico.

2 - A ESCOLA E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Ao passarmos em frente a um muro de escola não pensamos na riqueza de sentimentos, sonhos, desejos, felicidades e violência que há por detrás dele. Quando conversamos com pessoas de outros ramos profissionais ficamos com a sensação de que estas têm no seu imaginário a escola como um ambiente metodicamente organizado, com estudantes enfileirados e interessados. Este seria o cenário ideal, dentro deste imaginário, para trabalharmos a fruição de ideias e construção de conhecimento. Mas na realidade não é isto que encontramos por detrás dos tijolos “concretamente enfileirados”. A todo momento profissionais e alunos são convidados a repensarem o cotidiano da escola seja pesquisando novas metodologias, buscando novas formas de atrair atenções seja criando estratégias de despertar nos alunos o desejo de aprender.

Os estudantes têm sido estimulados a participarem hoje, das assembleias, ampliando seu poder de decisão, participando de projetos externos à escola, etc. São várias as iniciativas na tentativa de acompanhar a dinâmica do mundo contemporâneo.

Enquanto isso nas reuniões de professores de diversas disciplinas muitos são os projetos elaborados tentando diversificar aulas e motivar os estudantes. Conteúdos precisam ser lançados, provas aplicadas, conceitos registrados, etc. Mas uma lacuna fica sempre aberta. O que podemos fazer para melhorar as relações interpessoais dos estudantes? Esta pergunta foi marcante pra mim quando foi pronunciada por um dos professores da escola no final do ano letivo de 2013. Várias sugestões são dadas, mas no atropelo do dia a dia ficam relegadas a segundo plano. Nessa dinâmica, conflitos de toda ordem surgem dentro e fora de sala de aula. Fatos dos mais corriqueiros como ofensas verbais aos mais sérios envolvendo agressões físicas têm feito parte da rotina de muitas escolas, demandando a constante intervenção dos professores e da coordenação.

Em sala de aula, quando terminamos alguma atividade, ou nos corredores, sempre que um estudante se aproxima e estabelece conosco um diálogo, seus anseios são explicitados e é visível que, muitas vezes, estes não estão relacionados aos conteúdos estudados ou aos possíveis problemas de nota. São muitas as

situações em que os estudantes buscam nos professores e demais profissionais da escola uma escuta e acolhimento para conversarem sobre conflitos e angústias do dia a dia. Esses sentimentos não podem ser ignorados ou relegados a segundo plano. Os alunos têm passado cada vez mais tempo dentro da escola e muitas de suas experiências afetivas são bem ou mal vividas dentro deste ambiente. E quando as situações mal orientadas se transformam em atos indisciplinados é que os olhares dos adultos se voltam para estes jovens que são diretamente encaminhados à coordenação.

Diante de tal demanda tornou-se possível uma proposta de trabalho utilizando a arte como um elo entre a realidade e a imaginação, buscando uma reflexão sobre o mundo contemporâneo e também novas possibilidades de vivenciar os conflitos que se apresentam em nosso dia a dia. Aproximando os estudantes de filmes que abordam temas a eles relacionados e à sua faixa etária e possibilitando a estes uma experiência de produção artística onde haja liberdade de expressão e reflexão dos processos vivenciados durante a execução da intervenção pedagógica as palavras entre eles circularão com maior leveza e as relações fruirão, possivelmente, de modo dialógico.

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. A tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com o si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades. (FRESQUET, 2013, p.19)

Este plano de intervenção pedagógica teve como objetivo a criação de um Cineclube na Escola Municipal Luiz Gatti para os estudantes do 1º ano do 3º ciclo, do 1º turno. Foram exibidos filmes durante o horário das aulas de Arte e, posteriormente às suas exibições, foi proposta a realização de uma intervenção artística (desenho, pintura, teatro, etc.), relacionada ao filme. A forma de intervenção foi definida com o grupo de estudantes. Pretendia-se com isso observar as

possíveis mudanças ocorridas nas relações interpessoais dos estudantes envolvidos no projeto.

3 – CONTEXTUALIZAÇÃO

A Escola Municipal Luiz Gatti (EMLG) situa-se na periferia de Belo Horizonte, no Conjunto Ademar Maldonado, na região do Barreiro. Foi inaugurada no ano de 1981 e atualmente recebe alunos do primeiro ano do 1º ciclo, do terceiro ano do 2º ciclo, dos três anos do 3º ciclo. A escola conta com 20 salas de aula, dois laboratórios de informática, sala de multimídia, auditório, biblioteca, quadra coberta, quadra descoberta, e estacionamento interno. O estabelecimento possui equipamentos como: computadores, TV's, DVD's, aparelhos de som, projetor (datashow), entre outros meios tecnológicos. Contamos, atualmente, com aproximadamente 1.300 alunos em dois turnos de funcionamento, manhã e tarde, sendo três turmas do 1º ano do 1º ciclo, cinco turmas do 3º ano do 2º ciclo, 8 turmas do 1º ano do 3º ciclo, 10 turmas do 2º ano do 3º ciclo, 9 turmas do 3º ano do 3º ciclo, 3 turmas e 2 turmas do Floração.

Ao longo destes anos a EMLG executou diversos projetos, tais como: Práticas Industriais; Práticas Agrícolas; Olimgatti; Festivais de Música; Estudo preparatório para o vestibular; Alfabetização e letramento; Gincanas; A Pré-História e os diversos aspectos do conhecimento; Projeto interdisciplinar; Projeto Corrente do Bem; Projeto Aulas de Educação Física para as Mães; Projeto Regadas para o Futuro; Projeto de Mãos Dadas; participação em torneios (Copa Mercantil do Brasil, Copa Meritus...); Escola Integrada; Escola Aberta; Jornal Coração de Estudante; Festa Junina; Gingatti; Talengatti; e outros. Segundo o Regimento da escola, todos estes projetos estão voltados para oferecer um ensino de qualidade, possibilitando a superação das desigualdades.

4 –DESENVOLVIMENTO

Esta Intervenção Pedagógica foi realizada com estudantes do 1 ° ano do 3ºciclo, da Escola Municipal Luiz Gatti, da Regional Barreiro de Belo Horizonte, no período de agosto a dezembro de 2014. A turma de trabalho intitulada de turma 7A é composta por 35 estudantes, sendo 34 frequentes. Estes jovens estão na faixa etária dos treze anos de idade. A maioria deles já estudava na escola desde o ano passado. Os professores reclamam do excesso de barulho em sala prejudicando o bom andamento das aulas. Os alunos têm por hábito conversar em tom muito alto e por várias vezes acham normal conversarem quase que aos gritos com colegas na outra extremidade da sala. Em relação ao aprendizado, em sua maioria, eles conseguem um bom resultado. No que se refere ao desempenho escolar, eles se empenham na elaboração dos trabalhos e são participativos. As lideranças que se estabeleceram na turma são de duas meninas, que apresentam um bom rendimento escolar, mas que provocam uma relação conturbada com outros alunos, uma vez que elas se apresentam para os colegas como “mais inteligentes e as que apresentam os melhores trabalhos e as que tiram os melhores conceitos em todas as disciplinas”. Elas são muito participativas, mas também provocam e criticam os colegas, até mesmo os chamando de “burros”, quando não concordam com suas opiniões. Em contrapartida elas estimulam os bons trabalhos e comandam os grupos na realização destes.

Quando o projeto foi apresentado aos estudantes, estes demonstraram interesse em sair de sala de aula e também perguntaram se os trabalhos seriam realizados com outras turmas. Expliquei que somente eles participariam dos trabalhos e percebi que esta resposta os agradou, como se fosse um sinal da confiança da professora depositada neles, uma vez que eles foram os “escolhidos” para a realização do trabalho. Não demonstraram curiosidade em relação aos filmes e pareceram neutros em relação à proposta. Em contrapartida pareceram curiosos em relação aos meus estudos e perguntavam se esta atividade valeria ponto para mim, onde era a escola onde eu estudava, qual o meu horário de aula, se para ser professora de Arte era preciso fazer faculdade, qual a Faculdade eu havia estudado, etc. Parecia que naquele momento ocorrera uma mudança em nossa relação, onde

a professora sai do papel de liderança e passa a ocupar um novo papel, não tão bem definido, mas, mais próximo dos estudantes.

Aproveitando o interesse apresentado por eles, enquanto respondia a estas perguntas, pude explicar um pouco sobre a finalidade do curso *Educação e Cinema*, os meus interesses em cursá-lo e como seria a apresentação deste trabalho. Marcamos então nossa agenda para o início das exhibições. Por se tratar de uma turma com grande número de estudantes, eu estava insegura de como eu desenvolveria aquela intervenção. Não sabia ao certo como fazer, pois não se tratava de uma aula de História da Arte ou uma aula prática de Artes Plásticas. Seria um novo modo de vivenciar as aulas de Arte para mim e para eles

Assim, o que está dado para se ensinar com o cinema é um não- sei-o- quê de possibilidades. Ensinar com cinema passa, justamente, por um “não saber” das partes que se preparam para o acontecimento, ou seja, para a invenção intempestiva consigo e com o outro, com as imagens, mundos e conexões que o cinema nos permite, nos autoriza. Mas só o cinema pode isso? Certamente não. Mas talvez nenhuma arte ou meio de expressão o possa com tanta intensidade. (MIGLIORIN, 2010, p.14)

Sugeri dividir a turma em três grupos, onde cada um deles faria a atividade artística de um filme, mas que todos assistiriam aos três filmes. Os estudantes concordaram, mas perguntaram como se daria essa escolha dos grupos. Propus um sorteio e assim foi feito. Sorteamos o nome de três alunos e expliquei que os demais estudantes iriam se integrar aos grupos de acordo com suas afinidades, pois acreditava que eles, tendo a liberdade de escolha para compor os grupos, estabeleceriam no coletivo as discussões e as produções artísticas poderiam ser mais enriquecidas. Por se tratar de um projeto que envolve criação e relações interpessoais a imposição para a criação de um grupo de trabalho seria, no mínimo, contraditório. A reação dos estudantes foi ótima. Percebi que se motivaram principalmente pela autonomia que lhes foi concedida para a escolha dos grupos.

Deixem essas crianças em paz.

Ao fazermos essa afirmação, estamos problematizando nosso engajamento com a escola e com a educação em geral. O que poderia soar como uma desresponsabilização é, pelo contrário, um exercício dos mais exigentes e misteriosos para os mestres. Como lemos em Oswald de Andrade no Manifesto antropófago – “Só me interessa o que não é meu”. Acrescentaríamos: mesmo o que me constitui e não é meu. O mistério de fazer-se presente sem centralidade, trazendo tudo de si sem que esse

“tudo” lhe pertença. Um tudo que demanda o tempo – a única coisa que efetivamente temos a dar para os estudantes. (MIGLIORIN, 2014, p. 185)

A seguir eles queriam saber o nome dos filmes que seriam exibidos. Expliquei que só saberiam o nome no dia da exibição para evitar que se preparassem anteriormente e que seria melhor se mantivéssemos a surpresa.

Para exibição do primeiro filme de aproximadamente 1 hora e 35 minutos eu necessitava da ajuda de algum professor (a), cedendo-me seu horário de aula, uma vez que dispunha de apenas duas aulas semanais (uma hora cada aula) com estes estudantes, sendo um horário nas segundas-feiras e outro às sextas-feiras. Em contato com a professora de História, expliquei-lhe sobre o projeto, para o qual recebi seu efetivo apoio. Sendo assim, ela disponibilizou seu horário de aula, mas preferia exibir o filme em sua sala de aula, onde há uma TV e também o seu aparelho de DVD. A professora trazia sempre seu próprio aparelho, pois o da escola não era de fácil acesso. E pela escolha da exibição do filme em sala de aula ela explicou ser devido à iluminação e à acústica precárias da sala de multimídia. Como eu dependia de sua disponibilidade achei melhor não argumentar.

Enquanto preparava o aparelho de DVD percebi que os estudantes se empolgavam, a meu ver por dois motivos: a exibição de um filme, que assim que divulguei o nome, *Ponte para Terabítia* (Gábor Csapó, 2007) alguns alunos se manifestaram positivamente dizendo que o conheciam e que era um bom filme, também pelo fato de que naquele momento ficariam sem aula expositiva de História.

O decorrer do horário transcorreu na maior tranquilidade. Os estudantes se interessaram pela história dos personagens, sorrindo e demonstrando interesse. Um estudante que já havia assistido ao filme fazia questão de fazer alguns comentários, demonstrando já conhecer a história. De imediato sua atitude era rejeitada pelos colegas, dizendo que não queriam saber de antemão o que aconteceria. Bateu o sinal para o recreio. Os estudantes saíram da aula, sabendo que após o recreio continuaríamos assistindo ao filme na sala de multimídia, que já estava reservada há mais de uma semana para esta finalidade. Agradei à professora que me auxiliava.

Sempre após o recreio os estudantes retornavam mais agitados para as atividades. Desta vez não foi diferente. Eu já estava na sala e aguardava a ajuda da funcionária da escola, responsável pelos equipamentos. Durante o recreio os

funcionários se espalhavam pelo pátio da escola, ajudando a orientar os estudantes. Isso fez com que esta funcionária demorasse a chegar na sala. Para que pudesse exibir o filme era necessário que ela conferisse alguns cabos dos aparelhos, entrasse com seu login e senha nos computadores, enquanto os estudantes se acomodavam na sala de multimídia. Toda esta preparação demandou cerca de 15 minutos de nossa aula.

Tudo certo, recomeçamos a exibição do filme *Ponte para Terabítia*. A iluminação da sala não era boa, ou seja, as cortinas não vedavam satisfatoriamente a entrada de luz e o filme, exibido no telão, ficava muito claro. A sala não tinha ventilação e necessitamos ligar os ventiladores, aumentando o barulho, fazendo com que tivéssemos que aumentar mais o volume do filme. Mesmo assim terminamos de assistir ao filme. Percebi vários alunos emocionados após a morte da personagem Leslie.

Superadas as dificuldades citadas a experiência resultou numa experiência muito gratificante. Em uma turma tão falante, havia conseguido envolver a atenção destes jovens.

Terminado o filme perguntei se gostaram da experiência e nenhum estudante disse que não. Fizemos os últimos combinados para a realização dos trabalhos artísticos, à partir deste filme.

No encontro seguinte liberei os estudantes do primeiro grupo para que se reunissem do lado de fora da sala de aula para que discutissem sobre o filme. Eram cerca de dez estudantes comandados por duas garotas. Observei-os de longe e pareciam envolvidos nas discussões com os colegas. Ao perguntar se precisavam de ajuda disseram que não. Apenas perguntaram quais as opções que teriam para apresentação do trabalho. Ofereci várias opções como teatro, desenho, música, recital de poesia, pintura, etc.

No dia combinado para apresentação do grupo eles estavam constrangidos. As garotas que lideravam espontaneamente o grupo começaram manifestando a dificuldade que tiveram para chegar a um consenso sobre a forma de apresentação. Optaram pelo desenho.

Aos poucos os estudantes mostraram suas produções e falaram sobre elas. A parte do filme que mais foi registrada era a do castelo imaginado pelos personagens e também quando eles se tornam príncipes e princesa daquele reino. No decorrer

das discussões perguntei o porque da escolha desta parte do filme. Responderam que foi a mais interessante e um estudante comentou “precisamos de mais imaginação em nossas vidas e que sua geração tem passado muito tempo em frente aos computadores e celulares, sem exercitar suas imaginações”. E que “no filme os personagens usavam a imaginação para vencer suas dificuldades”. Achei muito interessante, pois em momento algum, durante este processo, e nem o filme aborda a questão do uso de tecnologias. Outra aluna interveio e reafirmou a necessidade deles em trabalhar a imaginação. Foi importante neste momento que eles perceberam que o personagem de *Ponte para Terabítia* usava sua imaginação ao seu favor e os estudantes se despertaram para aquele fato apresentado pelo filme. Como nos apresenta Adriana Fresquet, a experiência do outro nos aproxima de determinada realidade:

Só porque alguém alguma vez foi, viu, fotografou, desenhou, filmou, escreveu ou simplesmente contou como eram tais locais é que, aqui e agora, podemos imaginar essa realidade distante ou esse passado (ou futuro). Só porque a imaginação trabalha orientada pela experiência do outro é que o produto da nossa fantasia nos aproxima de determinada realidade, alargando as possibilidades do conhecimento. Temos nisso uma importante implicação pedagógica: a imaginação converte-se em condição de ampliar o conhecimento da realidade, por ser capaz de imaginar o que não tem visto e de se basear nos relatos, imagens ou descrições da experiência alheia. (FRESQUET, 2013, p. 33)

A seguir, abrimos espaço para que toda a turma participasse das discussões. O grupo foi criticado quanto a outra interpretação do filme, onde uma estudante falou que o personagem era muito pobre e que não tinha recursos materiais. Isto gerou polêmica, pois parte da turma não concordou dizendo que eles (a família do personagem principal) não eram tão pobres, apenas tinham dificuldades financeiras. Vários exemplos foram usados, envolvendo situações reais de suas famílias e conhecidos.

Ao final chegamos à conclusão de que o filme tinha uma riqueza de situações que poderiam ser exploradas tanto na apresentação artística, quanto nas nossas discussões.

Para exibição do segundo filme, de aproximadamente 123 minutos, solicitei novamente a ajuda da professora de História que se mostrou um pouco reticente pois necessitava agilizar o fechamento do trimestre com os estudantes. Desta vez

pediu que eu os encaminhasse de antemão à sala de multimídia sem a presença dela. Novamente enfrentamos a demora em relação ao uso dos equipamentos, mesmo tudo sendo agendado anteriormente.

Enquanto aguardávamos que a funcionária ligasse os aparelhos fomos abordados pela monitora do pré-Cefet que divide o uso deste espaço. Ou seja, esta era uma grande sala que foi dividida com uma divisória, como as utilizadas em escritório. De um lado o espaço é utilizado como a sala de multimídia e do outro lado estava sendo utilizada como sala de aula, como o curso preparatório para a prova do Cefet. A meu ver, duas atividades incompatíveis. Continuamos com nosso planejamento. Começamos a exibição do filme *A Corrente do Bem* (Mimi Leder, 2000). A princípio percebi que os estudantes encontraram dificuldade em se envolver com a história. A claridade na sala era muito forte e prejudicava a exibição no telão. Do outro lado da sala pessoas (supostamente estudantes) batiam na divisória, tentando chamar nossa atenção. Mesmo com estas dificuldades continuamos até a hora do recreio. O único momento do filme onde todos os estudantes se concentraram foi o momento da briga da mãe com o filho, onde ela dá uma bofetada em seu rosto. Neste momento todos ficaram em silêncio aguardando a reação do menino e após sua reação eles começaram a dizer o que fariam se estivessem no lugar daquele personagem. “*Eu fugia de casa.*” “*Minha mãe não tem coragem de me bater assim.*” “*Minha mãe, ela me dá é o cacete.*” “*Eu bato na minha mãe se ela me bater assim*”...

Quando voltamos do recreio, vários estudantes reclamaram que não estavam conseguindo acompanhar o filme, pois não enxergavam nada no telão e que isto estava muito chato. Tentamos arrumar as cortinas para escurecer mais a sala. Pedi mais silêncio dos estudantes, mas o barulho fora da sala era grande e ainda tivemos que ligar os ventiladores.

Não conseguimos chegar ao final da exibição deste filme durante a aula. Sem terminar sua exibição voltamos para a sala de aula e conversamos sobre os problemas que encontramos. Segundo os estudantes o filme era grande, sua história era lenta. A pausa do recreio atrapalhava no envolvimento com a história e o principal elemento negativo era o excesso de claridade na sala de multimídia, além do barulho. Terminamos nossa atividade, onde eu prometi pensar sobre o ocorrido e buscar uma alternativa para dar continuidade ao nosso trabalho.

Quando o cinema sai da sala, do escuro e do ingresso pago, ele se multiplica em formas e dispositivos que as artes visuais estão constantemente renovando: múltiplas telas, projetores móveis, intervenções dos espectadores nas imagens e nos sons, reorganizações do espaço e do tempo dos espectadores. Entretanto gostaria de pensar aqui na passagem do cinema pela escola também como um cinema expandido. Mas que se expande naquilo que o cinema inventou de mais potente em sua história: formas de ver e inventar o mundo. (MIGLIORIN, 2014, p. 177)

Após uma pesquisa, resolvi experimentar o trabalho em sala de aula, utilizando apenas o horário que tínhamos disponível. Fiz então uma seleção de curtas e utilizei o meu aparelho de DVD.

No dia determinado os estudantes me ajudaram na instalação do aparelho e então fiz a exibição de três curtas: *Day & Nigth* (Teddy newton, 2010), *PartlyCloudy* (Peter Sohn, 2009) e *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore* (Willim Joyce, Brandon Oldenburg, 2012).

A reação nos primeiros minutos foi de estranhamento e eles perguntaram: mas assim curtinho também é filme? Não tem fala? Não tem pessoas? Expliquei que os comentários seriam ao final das exibições. Foi muito boa esta mudança. Esta foi minha opinião e também dos estudantes. O que foi observado como positivo foi primeiro a mudança para a sala de aula por causa da claridade e da acústica ruim da sala multimídia. Outro fato positivo é que sendo filmes curtos não precisávamos interrompê-los pela metade e também a professora de História não poderia disponibilizar mais seu horário de aula.

Quanto aos curtas, após explicar que aquilo também era cinema, qual a diferença entre um curta e longa metragem e o que era filme de animação, percebi um interesse muito grande. A maioria dos estudantes se envolveu com as histórias, riram muito com o curta *Partly Cloudy* e pude perceber um encantamento durante a exibição de *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*. Quando terminamos de assistir aos curtas, todos estavam calados. Havia uma tranquilidade no ar. Conseguimos conversar um pouco sobre o que havíamos assistido. Perguntei se gostaram e se tinham o hábito de assistir este tipo de filme. Responderam que não tinham, nem em casa e nem na escola. Disseram também que assistiam filmes na escola, somente nas aulas de História, quando a professora queria explicar alguma matéria.

Na aula seguinte o grupo de estudantes se reuniu para organização do trabalho. No dia da apresentação eles fizeram uma encenação como se fosse um tele jornal. Utilizaram a sala de forma diferente com o público no meio. Os apresentadores utilizaram a mesa do professor, objetos cênicos e também alguns adereços. Na apresentação abordaram o tema como respeito, tolerância e amizade. A cena foi de aproximadamente cinco minutos.

Ao final da apresentação abri espaço para os comentários. Uma estudante disse estar surpresa com a criatividade dos colegas e seu comentário recebeu o apoio de outros jovens. Este grupo conseguiu montar uma cena com início, meio e fim, onde o conteúdo abordado foi bem trabalhado. Comentei sobre o amadurecimento que eu percebi entre a apresentação de um trabalho e outro. Eles conseguiram desenvolver uma ideia. A participação da plateia também foi mais respeitosa, deixando os colegas mais à vontade durante sua apresentação. Indaguei sobre as perguntas que fizeram durante a apresentação e eles explicaram a dinâmica do trabalho. Eles elaboraram algumas perguntas pertinentes aos temas apresentados nos curtas e adaptaram para a realidade da escola. Depois entrevistaram colegas de outras turmas durante o recreio e a partir das respostas colhidas desenvolveram o *Jornal Gatti em Ação*, em forma de teatro.

Perguntas Elaboradas Pelos Estudantes:

Amizade:

- 1 – Você acha a amizade um tema importante para o convívio nas escolas?
- 2 – O que você acha sobre esses “grupinhos” de meninas ou meninos populares?
- 3 – Você se considera um(a) amigo(a) fiel? Por que

Respeito:

- 1 – Você acha que o tópico respeito é importante para o convívio entre alunos, professores e funcionários nas escolas?
- 2 – Você como aluno(a) acha que falta muito respeito para com os colegas?
- 3 – O que você faria se dependesse de você o mundo ter mais respeito?

Tolerância:

1 - Você como aluno(a) acha que os professores e os funcionários são tolerantes ou intolerantes?

2 – Você se considera uma pessoa tolerante? Por quê?

3 – Você acha o tema tolerância importante para o mundo?

Percebi que através destas entrevistas os estudantes também puderam interagir com outros colegas que não tinham contato dentro da escola e que os jovens entrevistados se sentiram importantes perante os outros colegas, pois estavam fazendo uma pesquisa para um trabalho um tanto diferente do usual.

O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. Digamos assim: a democracia é o encontro não organizado de diversas inteligências, uma ação em si emancipatória. (MIGLIORIN,2010, p.15)

Depois deste dia os estudantes me perguntavam pelos corredores quais seriam os outros curtas que assistiríamos e pareciam empolgados com a atividade.

Em outro encontro assistimos ao curta *O Fim do Recreio* (Nélio Spréa, Vinicius Mazzon, 2012) e ao *The Lighthouse* (PoChou Chi, 2010), que apresentam estilos muito diferentes. O interesse maior foi para com o curta brasileiro *O Fim do Recreio*.

Os estudantes riram diante das ameaças da professora, comentaram sobre a cena em que os irmãos tomavam café da manhã, comparando com suas histórias pessoais. Durante a cena em que o estudante filmava o recreio de sua escola, o interesse foi maior. Alguns comentavam sobre a infraestrutura da escola em comparação com a nossa, riam quando mostravam grupinhos de alunos e davam nomes de colegas para estes personagens. Demonstraram estar gostando muito do filme.

Quando começou *The Lighthouse* (*O Farol*), percebi que a música mais calma e o estilo de desenho não agradou a maioria. Insisti em que prestassem atenção aos detalhes, mas este argumento não convenceu a todos. O horário não foi suficiente para a exibição de um terceiro filme. Enquanto os estudantes saíam da sala para o próximo horário, três alunos ficaram para trás para comentarem sobre o

último curta. Eles estavam emocionados. Um dos estudantes reclamou da falta de cultura de alguns colegas que não conseguiam entender o significado do filme. Percebi nestes três alunos a necessidade de ficarem um pouco afastados do restante do grupo, para absorverem melhor a história que haviam visto e que tanto os emocionara. Este curta retrata a história de pai e filho e a trajetória da vida. Ao perguntar se eles queriam falar sobre seus sentimentos, uma das alunas se prontificou dizendo que não queriam falar, apenas ficar ali. O que respeitei prontamente.

O cinema permite que nos coloquemos – é Serge Daney quem dizia isso – o cinema permite que nos coloquemos no interior do outro, o que na vida real é extremamente difícil. É por isso que o cinema é extremamente importante para as crianças. Porque as crianças vivem em um mundo pequeno (a casa, a família e a escola) e o cinema lhes dá acesso a experiências que elas não conhecem. Elas conhecerão talvez mais tarde, quando forem adultos, quando começarem a viver. Isto significa que o cinema permite às crianças ter uma ideia muito mais ampla da alteridade do que do seu próprio lugar na vida, que é pequeno, enfim, no nível da experiência. [...] O cinema nos fala de nós, de coisas que nós não conhecemos ainda, mas que sabemos que são para nós e sabemos que são nossas. (BERGALA, apud FRESQUET, 2013, p. 34).

Na aula seguinte apresentei o último curta da nossa programação: *Cuerdas* (Pedro Solis Garcia, 2013).

Foi o único filme legendado que assistimos juntos, e o resultado foi emocionante. Alguns alunos se emocionaram, outro se manifestaram sobre a necessidade de não se ter preconceito com as pessoas que são diferentes. Trouxeram a discussão para a realidade da escola, que cada vez mais trabalha com jovens com necessidades especiais. Fizeram críticas e elogios aos demais alunos da escola, citando exemplos onde colegas são solidários com alunos especiais e criticaram a própria turma que não se preocupava com o colega de classe, aluno de inclusão e que encontrou dificuldades na sala, devido ao excesso de barulho dos colegas.

Assim, as imagens no cinema se formam a partir de duas presenças inseparáveis. Por um lado a imagem é intrinsecamente ligada ao mundo, ela sofre o mundo, é afetada pelo real. No cinema, o que vemos – no documentário ou não ficção, não importa – existe. Mesmo em casos extremos, em filmes feitos com imagens de síntese (sobre os quais guardo certo desinteresse), a voz de um ator está ali; um espaço e um tempo reconhecível, também. Assim, a primeira característica de uma imagem cinematográfica é que ela sofre o mundo. Mas o cinema é mais do que isso,

claro. O cinema é uma operação de escritura com imagens afetadas pelo real. Ou seja, por um lado ele é mundo, por outro ele é alteração. Em essência, o cinema é uma transformação contínua do que há, pelo menos os bons filmes, os filmes que interessam. (MIGLIORIN, 2010, p. 13)

Percebendo o grande envolvimento da turma pedi a eles que fizessem algum registro com texto ou desenho sobre o filme. Fomos interrompidos pelo sinal, e nem todos conseguiram concluir a atividade.

Em nosso último encontro duas estudantes pediram para apresentar seus desenhos sobre o Filme *Ponte para Terabítia*. Perguntei porque escolheram este filme e elas responderam que achavam mais fácil falar sobre ele. Mostraram no desenho a parte que mais chamou a atenção que era o momento em que o castelo se torna “real”. Reforçaram a necessidade de se desenvolver a imaginação. Então perguntei a elas: - Tomando como base o filme, qual a importância da imaginação para aqueles personagens? Elas responderam: - Para enfrentar a realidade deles, que não era boa.

Terminamos nossos trabalhos com a sensação de que tínhamos colhido bons frutos e que o plantio precisava continuar.

5 - CONCLUSÃO

Quando nos propomos a assistir um filme, não conseguimos ter a dimensão de como isso nos afetará. Várias são as possibilidades que vivenciamos diante desta arte. Quando encontramos as condições adequadas como sala escura, telão para a projeção, poltronas confortáveis essas possibilidades se multiplicam. Mas quando propus para meus alunos do sétimo ano essa intervenção pedagógica não possuíamos as condições acima citadas, e ainda fomos nos adaptando às situações que se impunham e se apresentavam enquanto “dificultadores” em nosso processo de trabalho.

Vencidos nossos primeiros desafios, conseguimos criar um ritmo dentro de nossas aulas, onde tínhamos autonomia para decidir sobre como operacionalizar nossos tempos e atividades. Passados, portanto, os momentos de superação das dificuldades, nossa entrega às exhibições dos filmes e nossos “encontros” tornaram-se realidade.

Partindo de minha observação durante nossa intervenção pedagógica, percebi vários movimentos internos provocados pelos filmes que influenciaram diretamente as relações interpessoais dos estudantes e a minha relação em relação a eles e vice versa. Chamo a essas alterações de “encontros”.

O primeiro encontro se deu na alteração da relação deles comigo, quando expus a proposta do trabalho e nosso diálogo provocou uma maior proximidade entre nós. Esta alteração se deu pelo fato de eu ser a estudante em vias de realizar um trabalho escolar e eles eram os colaboradores nesse processo. Outra alteração teve como credor a forma democrática da condução do trabalho. Mesmo os estudantes não participando da escolha dos filmes, a liberdade que lhes ofereci para a organização dos grupos, a liberação para saírem de sala para se organizarem e a autonomia para escolherem a expressão artística para trabalharem, apresentaram-se como novidades para eles. Tanto que, enquanto se organizavam, voltavam várias vezes a me perguntar se faríamos daquela forma mesmo, como se quisessem se certificar de que não tinham entendido de forma equivocada a minha proposta.

Partir da igualdade e livrar-se do lugar do que ordena de fora pressupõe um escorrer sobre si mesmo para que tudo que temos e que nos pertence se torne um não-sei-o-quê comum. A igualdade é feita com a entrada de um indivíduo no mafuá que lhe pertence e não pertence- simultaneamente. O

que temos -nós doutores, professores, mestres, velhos – não é um título, mas um tempo e, nos melhores casos, uma força para desaparecer nos fragmentos que nos constituem e que não nos pertencem. O conhecimento é uma intensidade conectiva entre tempos, espaços e amigos. (MIGLIORIN, 2014, p. 185)

Um segundo encontro foi dos estudantes com a constatação de que precisam desenvolver sua imaginação. Este foi para mim um elemento surpresa. Quando assistimos *Ponte para Terabítia*, o que mais chamou a atenção dos estudantes foi a forma como o personagem lançava mão de sua imaginação para driblar as dificuldades do dia a dia. Esse fato apresentado no filme foi o mais explorado nas atividades artísticas apresentadas pelos estudantes. Em nossos debates sobre os filmes os alunos falaram de como precisam desenvolver sua imaginação.

Um terceiro encontro foi dos estudantes com as apresentações em grupo. Percebi no decorrer dessas apresentações o amadurecimento dos jovens nas discussões sobre os temas abordados no filme. A cada encontro os argumentos favoráveis e desfavoráveis apresentados por eles eram mais bem formulados. A crítica vazia do gostei ou não gostei do filme foi dando lugar a falas mais consistentes, avaliando as condições de vida, as condições dos relacionamentos dos personagens, etc.

Outro encontro foi com a alteridade. Os estudantes conseguiram fazer pontes entre as cenas apresentadas nos filmes e suas vidas. Nossos debates foram recheados de exemplos envolvendo familiares, amigos, colegas com necessidades especiais e muito discutiram sobre os conflitos vivenciados por eles em sala de aula.

Outro encontro observado foi dos estudantes da sala 7A com outros estudantes da escola. Para a realização do tele jornal os jovens recorreram à entrevistas com jovens de outras turmas. Essas entrevistas serviram de pretextos para se aproximarem de estudantes que não tinham contato. Vários desses estudantes se aproximaram de nossa sala curiosos em saber de que se tratava aquela atividade, se podiam participar também, se podiam ter acesso aos filmes, etc.

Mais um encontro foi dos estudantes com seus sentimentos. Por várias vezes experimentamos durante as exibições dos filmes, choros, risadas, alegria, conexões com suas vivências, necessidade de alguns em ficarem em silêncio. Diante dessa experiência o ritmo da turma mudou. Eles apresentavam interesse pela próxima

aula, interessados em saber mais sobre os filmes e se continuaríamos com a intervenção posteriormente.

Outro encontro observado foi a da constituição dos grupos dentro da sala de aula. A partir dos debates os grupos de estudantes que se aproximavam por algum ponto em comum sofreu alteração. Outras amizades surgiram, estudantes que não se aproximavam para trabalharem juntos, trocavam ideias para realização das atividades artísticas. Outro grupo se formou pela afinidade de suas opiniões nas discussões dos filmes. Amigas se separaram pelo mesmo motivo, saindo da sala de aula discutindo por não compartilharem da mesma opinião.

Mais um encontro observado foi dos estudantes com outras linguagens artísticas. Primeiramente em relação aos curtas-metragens. Muitos dos jovens não tinham acesso a este tipo de filme e isto foi curioso para eles que me perguntaram se assim curtinho, também era cinema. A apresentação do tele jornal também chamou muito a atenção, recebendo várias críticas positivas dos colegas. Esse processo de livre criação a partir dos filmes foi um desafio para os estudantes.

Um último encontro observado foi dos estudantes com as aulas de Arte que passaram a ser mais dinâmicas e interessantes tanto para eles quanto para mim. Os jovens demonstravam maior interesse pelas atividades, se apressavam para entrar em sala e as atividades eram desenvolvidas com mais tranquilidade. Os alunos demonstraram interesse em continuar com esta dinâmica.

Ao final deste processo pude perceber quanto o cinema pode alterar a dinâmica em sala de aula, tanto no que diz respeito ao interesse dos estudantes para com a realização das atividades propostas, quanto em relação às relações interpessoais que sofreram significativa alteração. Partimos de um ambiente mais conflitante para um ambiente de mais diálogo, mais atenção para com os colegas e conseqüentemente mais respeitoso. Os estudantes também demonstraram interesse em continuar com esta atividade que julgaram importante para o amadurecimento do grupo e para ampliar seus conhecimentos sobre arte e sobre as relações interpessoais.

FILMOGRAFIA

1 - Bridge to Terabithia (Ponte para Terabítia) é um filme americano-neozelandês de fantasia e drama de 2007 dirigido por Gábor Csupó. Foi baseado no romance homônimo de Katherine Paterson e distribuído pela Walt Disney Pictures.

Gênero: fantasia

Resumo – “Ponte para Terabítia” conta a história de Jess, um garoto de aproximadamente 12 anos, tímido e solitário que tem uma relação difícil com seu pai. Ele é o único filho homem, tendo mais quatro irmãs e sua família tem uma vida financeira difícil.

Na escola Jess não tem um bom relacionamento com os colegas e está sempre solitário. Durante as aulas ele faz desenhos em seu caderno.

Certo dia chega uma nova colega na classe. É Leslie, uma garota moderna e extrovertida, filha de escritores e também cheia de imaginação. Leslie se aproxima de Jess e dois se tornam amigos.

A imaginação de Leslie se junta aos desenhos de Jess e juntos eles criam “Terabítia”, um lugar imaginário cheio de aventuras, onde os personagens de Jess ganham vida.

Para chegar a Terabítia eles tem que atravessar um riacho e Leslie acaba se afogando um dia que estava sozinha. Jess se sente triste e culpado, querendo ficar cada vez mais solitário. Sua irmã caçula, May Belle insiste em seguir Jess e quase cai no riacho. Ele então resolve construir uma ponte para que ninguém mais se machuque, principalmente May Belle, que é coroada a princesa de Terabítia e junto com seu irmão continua alimentando a magia daquele lugar.

2 - Pay It Forward(A Corrente do Bem) é um filme norte-americano de 2000 dirigido por Mimi Leder.

Gênero: drama

Resumo – O filme “A Corrente do Bem” conta a história de Simonet, um professor de Estudos Sociais. É início do ano letivo e ele faz um desafio para sua turma em forma de trabalho de classe, onde os alunos deveriam desenvolver uma atividade com o objetivo de mudar o mundo.

Trevor, um de seus alunos, mora sozinho com sua mãe. Ela trabalha em uma boate e passa pouco tempo com seu filho e também tem problemas com o uso excessivo de álcool. Trevor é um aluno dedicado e procura fazer o dever com seriedade. Sua proposta para mudar é o mundo é uma espécie de jogo onde a cada favor recebido esta pessoa deve fazer um favor a outras três pessoas e assim por diante. Ele chamou esse jogo de “Passe Adiante”.

Trevor tenta colocar seu jogo em prática, primeiro ajudando um homem que encontra na rua, drogado e sujo, levando-o para casa. Depois de alguns dias o homem volta a usar drogas e foge de Trevor. Sua segunda tentativa é fazer com que sua mãe pare de beber, mas ela continua bebendo escondida. Sua terceira tentativa é com o Sr. Simonet, um homem muito sério e solitário. Trevor tenta aproximá-lo de sua mãe. Tudo estava indo bem até que o ex-marido de sua mãe resolve aparecer e ela o aceita de volta, mas ele tenta agredi-la novamente e Arlene resolve abandoná-lo e ter uma vida tranquila ao lado de Simonet.

Trevor não desiste de seu trabalho e tenta ajudar um amigo de escola que era agredido por meninos maiores e ele nunca teve coragem de ajuda-lo. Enquanto isso a notícia do “Passe Adiante” se espalha, chegando a atingir pessoas de outros lugares até chegar ao conhecimento de um repórter que queria desvendar este mistério. O repórter vai até a escola e entrevista Trevor que deixa todos emocionados. Ao saírem da escola, o menino vê seu amigo sendo agredido e vai ajuda-lo, mas é atingido por um estilete que o agressor carregava. Trevor não resiste aos ferimentos e morre, mas várias pessoas de todas as partes do país fazem vigília em frente a casa de Trevor em reconhecimento ao seu jogo “Passe Adiante”.

3 – Day & Night (Dia e Noite) é um curta metragem norte-americano de 2010, dirigido por Teddy Newton.

Gênero: comédia de animação

Resumo – “Dia e Noite” traz os dois personagens com suas características e personalidades distintas. Os dois se desentendem em vários momentos e experimentam disputas, tentando provar que um é melhor que o outro.

Aos poucos eles vão descobrindo as qualidades que são próprias de cada um até que chegam a conclusão de que se se unirem podem ter uma vida com mais qualidade aproveitando o que cada um tem de bom.

4- PartlyCloudy (Parcialmente Nublado) é um curta metragem norte americano de 2009, dirigido por Peter Sohn

Gênero: animação/família

Resumo – Em “Parcialmente Nublado” as nuvens são responsáveis por esculpir os bebês e filhotes para serem entregues pelas cegonhas.

Enquanto as nuvens brancas esculpem lindos bebês e filhotes, Gus é uma nuvem cinzenta que vive isolada das outras nuvens> Ele esculpe filhotes perigosos como crocodilos, porco-espinho, entre outros.

Peck é a cegonha responsável pela entrega dos filhotes esculpidos por Gus. Ele está ficando cansado, pois suas entregas são difíceis, chegando a assustá-lo.

Gus chega a pensar que seu ajudante abandonará seu trabalho, mas juntos eles conseguem encontrar soluções para darem continuidade a esta parceria.

5 – The FantasticFlying Books of Mr. Morris Lessmore (Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo) é um curta metragem norte americano de 2011, dirigido por Bandon Oldenburg e William Joyce.

Gênero: animação/aventura

Resumo – No curta, Modesto Máximo está sentado na varanda de sua casa, rodeado de livros. De repente vem um furacão e leva tudo pelos ares, as letras dos livros, as casas, as pessoas, etc. Quando termina o furacão ele anda pela cidade cinzenta observando toda aquela destruição, até que aparece uma linda moça, envolvida em cores. Ela está voando, sendo levada por livros, como se fossem balões. Ao seu lado ele vê sobre a cerca um livro que o convida a pular a cerca. Do outro lado a paisagem é colorida. Modesto Máximo pula a cerca e chega a uma biblioteca. Lá há música, alegria e os livros dançam como se fossem pessoas. Ele passa a morar com livros enquanto escreve suas memórias.

O tempo vai passando até que ele termina de escrever seu livro. Neste momento ele é envolvido pelos livros que o levam como se fossem balões. Enquanto Modesto Máximo vai embora chega uma garotinha para ocupar seu lugar na biblioteca.

6 – O Fim do Recreio é um curta metragem brasileiro de 2012, dirigido por Nélío Spréa e Vinicius Mazzon.

Gênero: drama/família/infantil

Resumo –No curta “O Fim do Recreio, um projeto de lei que pretende acabar com o recreio nas escolas é aprovado pelo Congresso Nacional.

Enquanto isso um grupo de crianças filma, sem autorização, o recreio de sua escola. O vídeo vai parar nas mãos da diretora da escola que resolve coloca-lo na internet. O movimento das crianças em defesa pela continuidade do recreio ganha força e repercussão nacional e internacional, fazendo com que o Congresso Nacional volte atrás em sua decisão.

7 – The Lighthouse (O Farol) é um curta de animação norte americano de 2012, dirigido por PoChou Chi.

Gênero: drama

Resumo – O curta “O Farol” retrata a relação entre um pai e seu filho e a passagem da vida.

No filme o pai acompanha o filho, observando-o enquanto ele faz pequenas viagens em pequenos barcos. Enquanto ele vai crescendo, seus barquinhos vão se transformando em uma grande embarcação.

Com o passar do tempo o filho retorna ao farol e encontra seu pai nos últimos momentos de sua vida. O filho que agora é pai, traz sua família para morar no farol, dando continuidade à vida.

8 – Cuerdas (Cordas) é um curta metragem espanhol de 2014, dirigido por Pedro Solís García.

Gênero: animação/drama

Resumo – “Cordas” conta a história da menina Maria que é moradora de um orfanato municipal. A classe de Maria recebe um novo colega que necessita de cuidados especiais, pois tem paralisia cerebral.

Mais que depressa Maria resolve ajuda-lo se tornando sua treinadora. Ela diz que vai ajuda-lo a andar e também falar e que juntos eles vão viajar por todo o mundo.

O menino está cada vez mais doente e vem a falecer. Triste, Maria amarra em seu pulso a corda que utilizava para ajuda-lo com as brincadeiras. Vinte anos se passam e Maria retorna ao orfanato, agora uma escola para crianças especiais, como a professora de matemática que traz no pulso a sua corda amarrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação. Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola.** Belo horizonte: Autêntica, 2013.

MIGLIORIN, César. **Deixem essas crianças em paz: o mafuá e o cinema na escola.** In: Catálogo do Festival do Filme Documentário e Etnográfico – Fórum de Antropologia e Cinema – Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2014.

MIGLIORIN, César. **Cinema e escola sob o risco da democracia.** *Dossiê: Cinema e educação: uma relação sob a hipótese de alteridade.* Revista Contemporânea de Educação. Faculdade de Educação/UFRJ; v 5, n. 9, janeiro/julho 2010.

ANEXOS

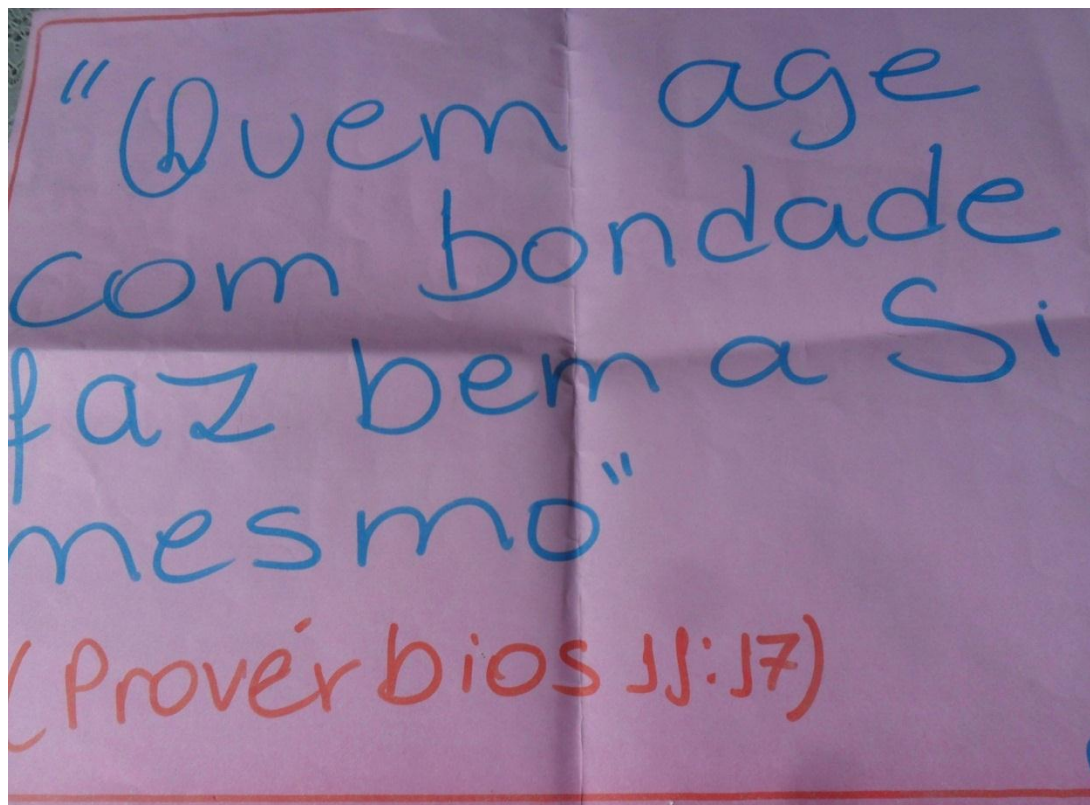


Foto 1 – Cartaz produzido por aluna depois de assistir o filme: “Ponte para Terabítia”.

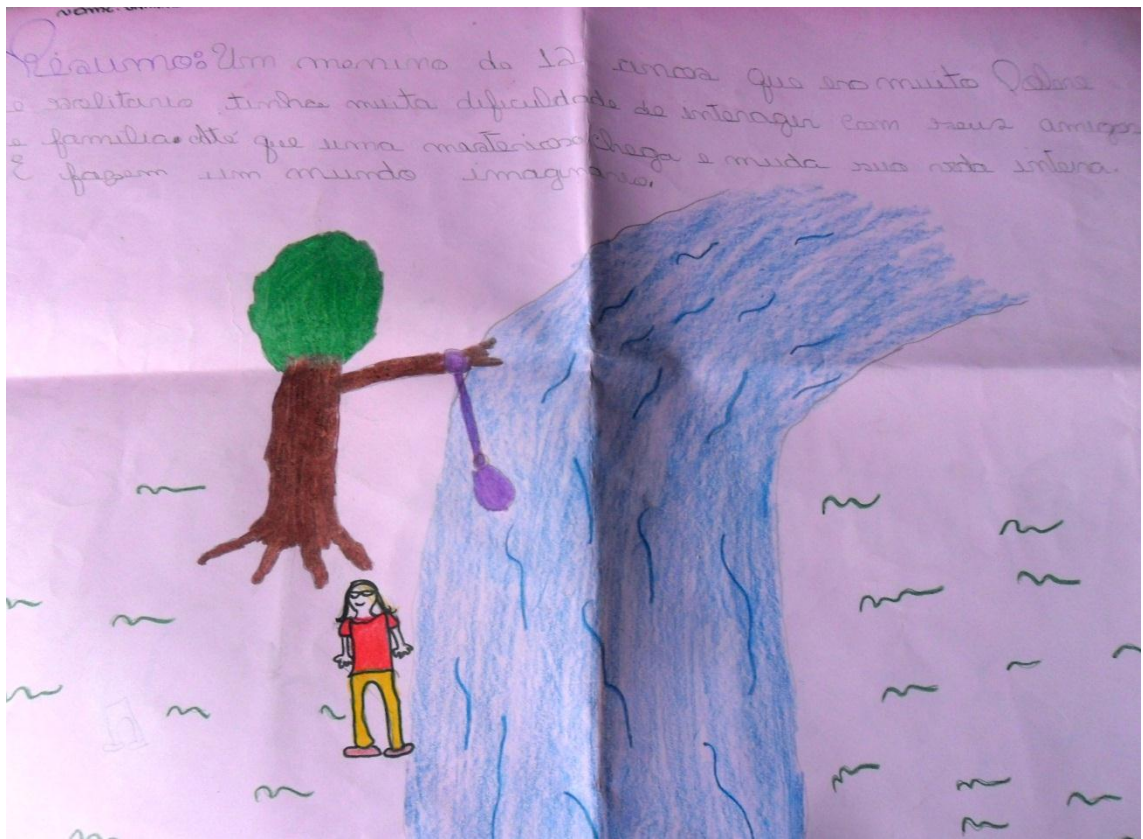


Foto 2 – Desenho produzido por aluna após assistir ao filme: “Ponte para Terabítia”.

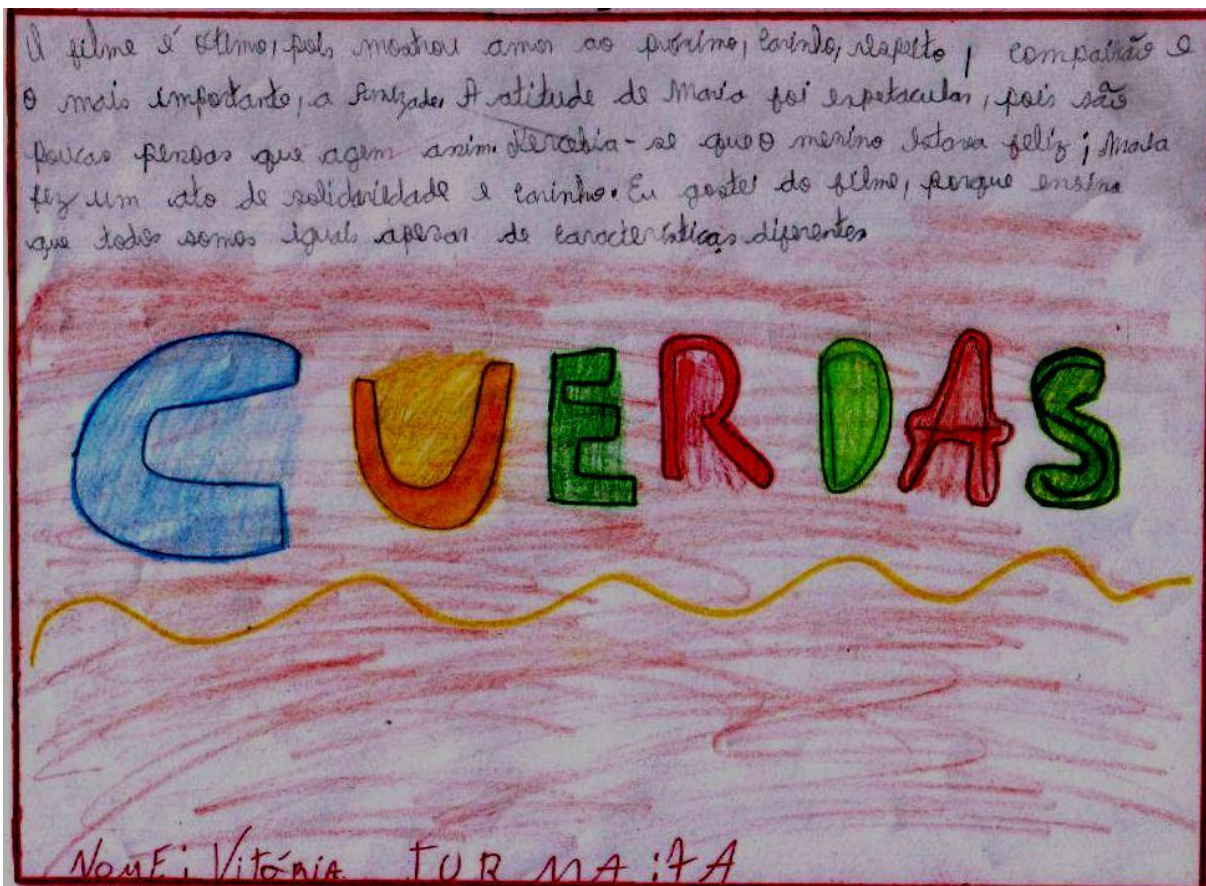


Foto 3 – Cartaz produzido por aluna após assistir ao filme: “Cordas”.



Foto 4 – Desenho produzido por aluno após assistir ao curta: “Cordas”



Foto 5 – Desenho produzido por aluna após assistir ao filme: “Ponte para Terabítia”.



Foto 6 - Cartaz produzido por duas alunas após assistirem ao filme: “Ponte para Terabítia”.



Foto 7 – Sala de multimídia.



Foto 8 – Telão e equipamentos da sala de multimídia.